

---

# DOMINGOS SODRÉ. UM SACERDOTE AFRICANO

Carlos Eduardo Millen Grosso\*

REIS, João José. *Domingos Sodré. Um sacerdote africano. Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 463p.

## ENTRE DOIS MUNDOS: SENHORES E ESCRAVOS. HISTÓRIA DE UM SACERDOTE AFRICANO NA BAHIA DO SÉCULO XIX.

**Palavras-chave:** escravidão; candomblé; Bahia.

**Keywords:** slavery; candomblé, Bahia

São raros os historiadores aos quais se pode atribuir também a condição de “encantador” de palavras. Este é o caso de João José Reis. Em seu último livro, *Domingos Sodré. Um Sacerdote Africano. Escravidão, Candomblé na Bahia do século XIX*, o autor realiza um penetrante olhar sobre a sociedade baiana do século XIX. Esquadrinha-a, pelo prisma da biografia de um africano liberto, os distintos territórios sociais e culturais: o engenho e a cidade; os africanos e os brasileiros; o candomblé e o catolicismo; o mundo oral das juntas de alforria e o escrito da justiça de alforria.

O personagem central deste livro é Domingos Sodré. Entretanto, seria um erro ver na pesquisa de João José Reis uma simples biografia de um africano liberto. Por meio da trajetória de Domingos, é possível assistir ao auge do tráfico de escravos e da exploração do açúcar na região; aos levantes de cativos e à transformação da cidade por conta do aumento do número de negros livres. De igual modo significa apreender, ao nível da biografia de um indivíduo específico, a coexistência de orientações e códigos diferenciados de sorte a tratar a um só tempo a relação individual e a relação social da escravidão na Salvador do século XIX. Ou seja, perceber no Domingos, através de suas interações e ações na composição social, manifestações que assinalam oposições simples do tipo sociedade versus indivíduo. E mais: Reis convida a uma reflexão sobre a escravidão que, embora não abandone a oposição entre

---

\* Mestre em História pela PUCRS. Doutorando em História pela UFSC. Bolsista CNPq.

senhores e escravos, leva em conta os papéis que negros libertos passaram a exercer na sociedade baiana.

Longe das análises absolutamente rígidas que teimam em colocar o escravo e o liberto ora como vítima, ora como herói. O estudo mantém a preocupação de outros trabalhos do autor, buscando mostrar uma espécie de negociação concreta entre escravos e senhores, e que permitia alguns ganhos para os explorados, contudo, sem diminuir os efeitos da exploração. Essa é a idéia principal que atravessa o livro “Negociação e conflito”, escrito com Eduardo Silva. “Se os barões cedem e concedem, é para melhor controlar. Onde os escravos pedem e aceitam, é para melhor viver, algo mais que o mero sobreviver”.<sup>1</sup> Dessa maneira, a idéia de negociação é usada para representar a possibilidade de barganha entre Domingos Sodré com o ex-senhor, o policial branco e o político branco.

## DOMINGOS SODRÉ E A IDÉIA DE NEGOCIAÇÃO

O livro começa descrevendo a prisão de Domingos Sodré na tarde de 25 de julho de 1862. Sob a acusação de receber por suas adivinhações e “feitiçarias” objetos roubados por escravos das casas de seus senhores, o africano foi preso em sua casa em Salvador. Reis, então, na tentativa de explicar como as grandes linhas do candomblé foram desenhadas na Bahia no período em que Domingos ali viveu, reúne e cruza, a exemplo de Carlo Ginzburg<sup>2</sup>, uma série de indícios deixados em documentação – testamentos, inventários, inquéritos policiais, jornais, etc. Tal iniciativa permitiu esboçar um cenário urbano na qual a prática de feitiçaria e as reuniões relacionadas ao candomblé eram em geral reprimidas pela polícia e condenadas pela imprensa, ainda que existissem muitos policiais que também usassem esses serviços. Percebe-se, então, um espaço de convivência e negociação entre negros e brancos, marcado por muita tensão.

Domingos Sodré nasceu por volta do ano de 1797, em Onim, a Lagos da atual Nigéria. O país de Domingos era um pequeno reino, localizado próximo à região do golfo de Benim,

---

<sup>1</sup> REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito*. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>2</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

conhecido entreposto de cativos para o tráfico transatlântico na África Ocidental. Chegou jovem ao Brasil, onde foi escravo de um engenho no recôncavo. Foi alforriado em 1839. Com o tempo, foi ganhando fama de adivinhador e feiticeiro. A sua clientela era composta de negros e brancos, mas foi preso por fazer trabalhos para “amansar” senhores. Comprou, ao longo de sua vida de africano liberto, escravos, batizou gente e casou-se na Igreja. Morreu com aproximadamente 90 anos, em 1887, um ano antes da abolição da escravidão.

Num instante, a trajetória de Domingos parece coberta de contradições. Pois, de um lado, Domingos de cativo tornou-se senhor de alguns escravos e tinha a proteção e o respeito dos brancos; de outro, destacou-se como autoridade no meio dos negros muito em função de sua atuação como feiticeiro para “amansar” senhores. Nesse sentido, pensar a persistência de certos valores e práticas junto à ressignificação ou criação de outros significados é fundamental para o entendimento das práticas sócio-culturais de Domingos<sup>3</sup>. Reis parece defender a necessidade de entender a simultaneidade ou a sincronia dos processos de continuidade e descontinuidade, assim como a necessidade de entender a proporção entre as dinâmicas. Nas palavras dele:

Domingos Sodré, como muitos outros africanos ladinos, escravos ou libertos, não professava apenas o candomblé. Era também católico. Com os brancos e outros ladinos e crioulos ele aprendera maneiras locais de prosperar e ascender socialmente. Não que esses valores inexistissem na África que deixara para trás. Mas, uma vez na Bahia, Domingos passaria a controlar novos modos de manipular, inovar e transcender suas circunstâncias.<sup>4</sup>

De fato, o problema é uma questão de interesse, e o seu objetivo não cai sobre os “africanismos” ou as “invenções”, mas sobre uma espécie de negociação concreta entre escravos, ex-cativos, senhores negros e senhores brancos. Dessa forma, ultrapassar os limites da polaridade que obscurecem as combinações e meios-tons é falar em culturas populares. Isso significa focalizar a diversidade étnica, ocupacional e religiosa nas suas formas de manipulação e inovação do agir e de perceber o mundo. Em vez de um diálogo de

---

<sup>3</sup> MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. *An anthropological approach to the Afro-American past: a Caribbean perspective*. Filadélfia: ISHI, 1976, pp. 5-7.

<sup>4</sup> REIS, José Reis. *Domingos Sodré. Um sacerdote africano. Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 272.

surdos entre o indivíduo, instalado em sua racionalidade e subjetividade, e a cultura, presa a todas as convenções, o que está em jogo são os empréstimos recíprocos e trocas implícitas.<sup>5</sup>

## OS CANDOMBLÉS E A POLÍCIA

Importa lembrar que Domingos Sodré viveu num momento de importantes transformações urbanas de forte inspiração européia, calcadas na organização do espaço, no progresso econômico e na ordem burguesa. Cárceres, asilos de mendicidade, sanatórios foram construídos ou instalados em prédios que já existiam fora dos limites urbanos, com vistas a isolar os indesejáveis, marginalizados da sociedade, os presos, doentes, loucos e mendigos. Nesta espécie de discurso central sobre a modernização da cidade, o sucesso traduz-se na instauração de novas regras de vivências que definem padrões de condutas extremamente rígidos, de forma a colocar naturalmente os populares à margem dessa vivência.

Nesse panorama, os candomblés passam a formar um dos meios mais importantes de agregação social, identidade e resistência cultural da população negro-mestiça. A ocupação dos espaços físicos da cidade, sobretudo a proliferação de candomblé no centro urbano, vai se constituir num fenômeno significativo na formulação dos espaços identitários da população negro-mestiça. A concepção de territorialidade-territorialização, conforme Wilson Roberto de Mattos, não se refere apenas à análise identificatória da ocupação de espaços físicos determinados, mas também se relaciona principalmente à ocupação de espaços sociais, singularizados por meio de injunções simbólicas-culturais<sup>6</sup>.

Importa ressaltar que a maioria dos “candomblés” do centro urbano eram congregações de caráter doméstico, localizadas em espaços pequenos, no interior de casas, lojas, sem espaço de mato. As práticas mais comuns eram de exorcismo ou cura, para tirar o “feitiço” do corpo das pessoas, bem como práticas oraculares para “dar ventura”.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2003, pp. 172-194.

<sup>6</sup> MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: cantos, ganhadores e resistências no espaço da exclusão social – Salvador (1850-1888)*. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia, 2008.

<sup>7</sup> PARÉS, Luis Nicolau. *A Formação do Candomblé*. História e ritual da nação jeje na Bahia. São Paulo: UNICAMP, 2006, p.138-141.

Para finalizar, em *Domingos Sodré. Um Sacerdote Africano*, Reis realiza um esforço investigativo sobre a vida do liberto africano Domingos Sodré, que obteve a liberdade, prosperou e tornou-se proprietário de escravos e conseguiu transitar com desenvoltura em círculos de brancos, sem, com isso, eximir-se da sua posição de destaque junto aos negros escravizados e libertos da Salvador do século XIX. Pode-se, portanto, admitir que uma sociedade, especialmente as mais heterogêneas e diversificadas como é o caso da baiana, os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos e contraditórios. Ou seja, a construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes “mundos” se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito ou em negociação. E assim o autor ensina que o estudo da escravidão demanda a elaboração de um pensamento capaz de tratar o ex-cativo (leia-se também escravo) como agente histórico, desempenhando uma multiplicidade de papéis sociais no cotidiano da cidade.